

A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA “MESTIÇA” A PARTIR DOS DISCURSOS DOS TESTES DE ANCESTRALIDADE GENÉTICA

TAÍS CASTRO GARCIA²; CESAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas¹ – taisgarcia0111@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas² – cesarfmartinez@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Quando determinado sujeito realiza a afirmação “sou brasileiro(a)”, o que está por trás? Como a identidade espacial brasileira se formou a partir da ideia de “mistura racial” ou “mestiçagem”? O que está associado a essa identidade? Qual o papel dos testes de ancestralidade genética na produção dessa identidade? Estas são algumas questões que o presente trabalho realiza, pois temos como proposta investigar os discursos que produzem a consciência nacional brasileira, assim como estas questões podem ganhar novos entornos a partir do uso de testes de ancestralidade genética. A identificação espacial dos brasileiros é marcada por conflitos raciais que se ancoram na ideia da mestiçagem e que oferecem subsídios para uma narrativa de que todo brasileiro é “uma mistura de raças”. Desde a década de 1930, a mestiçagem – comumente referida como mestiçagem – tem sido muitas vezes reinterpretada em termos positivos e a figura híbrida do mestiço tornou-se central para a construção de uma identidade nacional unificada. As interpretações culturais da população brasileira deslocaram as abordagens biológicas nos debates públicos. (KENT; WADE, 2015, p. 820).

O processo de formação do Brasil passa por vários períodos de apagamento da história oficial do país como nação, que acaba por desencadear em descontinuidades familiares que despertam em parte da população um desejo de descobrir de onde vêm. Essa memória negada de um Brasil que tinha como projeto destruir a sua negritude fez muitos dos seus habitantes procurarem uma história ou uma origem que está muitas vezes fora do território. É nesta busca, talvez, que os testes de ancestralidade genética ganham um lugar de destaque, pois, as empresas que os comercializam promovem o DNA como uma verdade geográfica ou uma denominação de origem geneticamente certificada. A partir do seu uso, a tanto podem emergir identidades privilegiadas (brancas, europeias) como identidades estigmatizadas (racializadas). Conforme nos aponta Silva (2014, p. 83),

A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é ser considerado uma identidade étnica ou racial.

Os testes de ancestralidade genética, no Brasil, são comercializados por três empresas: Genera (brasileira), *MyHeritage* (israelense) e MeuDNA (brasileira). Aqui queremos destacar uma delas a Genera que, neste ano, produziu um estudo sobre a ancestralidade do brasileiro a partir do DNA, e segundo esse estudo o Brasil é um país “multiétnico”, o que pressuporia que a ideia de mestiçagem poderia ser lida através de uma testagem genética. A empresa faz uma relação direta entre Genética e História ao afirmar que

Em toda a sua história, o Brasil foi construído pela miscigenação entre diferentes povos, e essa característica o difere do restante do planeta.

Portanto, entender as características genéticas do povo brasileiro ajuda a compreender a história e evolução da própria humanidade. (GENERA, 2023)

Isso cria um imaginário de origem e pureza, ou seja, uma origem territorial que não vai corresponde àquela em que o sujeito vive. Um “africano” que nunca pisou na África, um “indiano” que pouco sabe sobre a Índia. E para que exista o mestiço, parte-se da ideia que em algum momento, havia pureza racial e que em outro momento, ocorreu uma mistura que acabou com essa pureza dando origem a uma pessoa miscigenada – algo do que poderíamos duvidar.

Ao contrário dos Estados Unidos, no movimento brasileiro de inclusão social, que também busca corrigir a exclusão racial e também conta por raça, os dados genéticos são interpretados como uma mistura generalizada, em vez de grupos raciais discretos, de modo que pouco medo é expresso de que a raça vai se tornar geneticamente. Isso ocorre apesar do fato de que a ênfase genética na mistura depende, como essas ideias sempre fazem, da suposição de que grupos raciais existiram em algum lugar ou em outro momento. (KENT; WADE, 2015, pág. 819, tradução nossa)

Afirmar a ideia de mestiçagem é confirmar que em algum momento da história da humanidade aconteciam relações de pureza racial onde diferentes grupos que estavam ocupando o globo mantinham relações apenas dentro dos mesmos grupos, sem acontecer trocas, colocando a raça como uma categoria estável e essencial ao ser humano - ou seja, uma categoria ontológica. Assim, este trabalho se trata de uma análise do lugar da mestiçagem na produção da identidade nacional e os efeitos decorrentes do uso de testes de ancestralidade genética nesses imaginários.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado é um eixo de análise do Projeto de Pesquisa Efeitos dos testes de ancestralidade genética no pertencimento geográfico dos usuários. Desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Espaços, Conhecimento, Corpos” da Universidade Federal de Pelotas e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto possui diferentes eixos de análise que se dedicam a distintos desdobramentos geográficos dos efeitos dos testes nos usuários. Na presente pesquisa, nos dedicaremos a entender a produção da mestiçagem como um dispositivo de territorialização ou desterritorialização pelos testes de ancestralidade.

A metodologia utilizada para a estruturação deste trabalho conta com dois momentos. No primeiro momento, um levantamento e análise das páginas eletrônicas das empresas que despolitizam os testes no Brasil, realiza-se uma análise sistêmico-funcional do conteúdo discursivo das páginas de empresas que realizam e promovem os testes de ancestralidade, bem como de seu material publicitário. A análise sistêmico-funcional se preocupa em verificar todas as formas de linguagem utilizadas, como textos, imagens, gráficos e como se relaciona no ambiente analisado. Nosso objetivo nesta primeira etapa é compreender como as empresas realizam a comercialização dos testes de ancestralidades, quais linguagens elas se utilizam, a que campos semânticos e disciplinares se referem, qual o discurso apresentado, que estratégias de venda e quais os resultados que

são promovidos. Já no segundo momento, consiste nas entrevistas com pessoas que já possuem um interesse em se submeter ao teste, com intenção de verificar quais as expectativas dessas pessoas em torno do teste. Com perguntas que também buscam a compreensão de como essas pessoas vivenciam a sua identificação nacional, assim analisando a ideia já explanado no texto que a origem não está dentro do Brasil, mas sim fora. Ao final o grupo volta para uma nova entrevista, debruçando-se sobre os resultados que cada participante da pesquisa reporta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises realizadas nos sites das empresas que comercializam os testes de ancestralidades, foi possível evidenciar a dualidade de narrativas que as empresas se baseiam para poderem fazer a venda do produto, pois a narrativa utilizada por essas para promover o seu marketing é ao mesmo tempo dizer que o DNA não te define, mas em contrapartida ele pode mostrar a verdade que há dentro de cada sujeito e essa análise também cabe a questão da existe ou não da raça, onde novamente se tem um discussão de negação a ideia da existe de raças, mas o teste em si se para acontecer precisa se utilizar do imaginário que em algum momento da história havia uma pureza genética e geográfica para que seus resultados possam fazer sentido. Nas imagens 1 e 2 abaixo pode-se observar a essa dualidade no discurso no site de uma das empresas analisadas (MeuDNA).

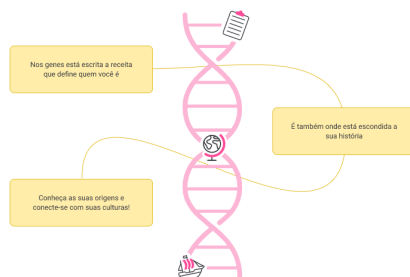
Imagem 1 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa meuDNA

Conhecer nossas origens genéticas não nos define como pessoas...

... mas sim, nos dá uma ideia sobre onde moravam nossos antepassados e como os nossos pais chegaram no lugar onde nascemos.
No Brasil, isso é muito relevante, já que somos uma mistura de povos e a cultura brasileira é composta por tradições de todos os continentes.

Imagem 2 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa meuDNA

Seu DNA: o código secreto



Fonte: Disponível em: <https://meudna.com/teste-ancestralidade>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

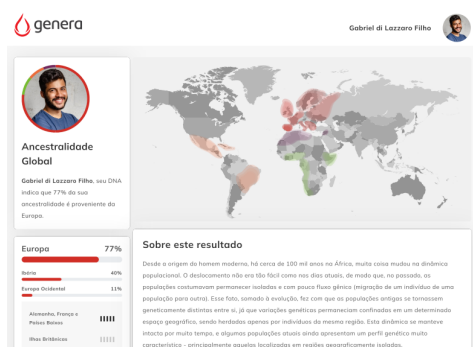
Na primeira imagem apresentada, a empresa diz que o teste não define as pessoas, mas, na segunda imagem no primeiro balão que a ilustra eles afirmam o seguinte “nos genes está escrita a receita que define quem você é”; “é também onde está escondida a sua história”; “conheça as suas origens e conecte-se com suas culturas”. Estas frases evidenciam o que foi explanado ao longo deste trabalho a utilização do DNA como foram de designar origens geográficas, assim como a ideia de descobrir as diferentes culturas que compõem DNA, isso ligado a ideia de pureza e mestiçagem.

Assim podemos constatar que o discurso utilizado pelas empresas que disponibilizam o produto, é um discurso problemático que se vale os conhecimentos de diferentes áreas para comprovar a veracidade do seu produto e como isso pode levar a determinismos biológicos, geográficos, descontínuos a respeito do território.

4. CONCLUSÕES

Constata-se que as empresas promovem noções problemáticas sobre as categorias sociais e geográficas (história, memória, região etc.), bem como reforçam estereótipos raciais. Um DNA fragmentado que designa uma multiterritorialidade com espaços aos quais a pessoa nem mesmo conhece. Se ser brasileiro consiste em um imaginário sobre a mestiçagem, que identificações ou desidentificação são produzidas pelo teste de ancestralidade, quando esse não apenas no seu discurso de venda faz alusão a isso, mas também quando os resultados são entregues, (ver Imagem 3) muitos dos usuários recebem uma representação cartográfica que remete a esta fragmentação do DNA, representada de forma geográfica.

Imagem 3 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa Genera



Fonte: <https://descubra.genera.com.br/ancestralidade>

Nos próximos passos da pesquisa, voltaremos para a segunda entrevista na primeira cidade selecionada para realização do trabalho para saber o que se alterou no imaginário dos selecionados a respeito do seu pertencimento e sua identificação a partir dos resultados dos testes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ :Editora Vozes, 2014. 15.Ed.

KENT, Michael; WADE, Pedro. Genética contra raça: Ciência, política e ações afirmativas no Brasil. **Estudos Sociais da Ciência** , v. 45, n. 6, pág. 816-838, 2015.

GENERA, **Estudo da Genera revela a ancestralidade do DNA brasileiro**. Disponível em:

<https://www.genera.com.br/blog/ancestralidade-dna-brasileiro/#:~:text=Agora%2C%20partindo%20para%20o%20estudo,%2C%20e%202%25%20da%20Ásia.>

Acesso em 06/09/2023